

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO CREIRO (ARRÁBIDA). CAMPANHA DE 1987

Carlos TAVARES DA SILVA
Antónia COELHO-SOARES

1. ANTECEDENTES

A jazida arqueológica do Creiro foi, pela primeira vez, assinalada por A. I. Marques da Costa no seu «Esboço da Carta dos Arredores de Setúbal Indicativo das Estações Prehistóricas e Romanas», inserto em 1907 no estudo sobre as «Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal» que esse investigador vinha dando à estampa em «O Archeologo Português»¹. Nesse esboço de carta, o citado arqueólogo sinaliza com um *R* (indicativo de «estações romanas muito acentuadas») a presença, no Creiro, de vestígios da época romana. Não faz, porém, no texto do referido artigo, qualquer alusão a esta jazida. Só em 1964 se publica uma notícia sobre o Creiro², aliás colhida nos manuscritos inéditos de Marques da Costa: «Na margem esquerda de uma linha de água que desce da Serra da Arrábida até ao mar, próximo deste e a leste da praia do Portinho, vimos alguns tanques de alvenaria em ruínas, forrados de uma camada de argamassa signina, muito semelhantes às cetárias existentes próximo da foz das Rasca».

A presença deste arqueossítio na costa da Arrábida obrigaria a que o levássemos em consideração na elaboração do projecto de investigação sobre a paleocupação humana da região da foz do Sado, em que temos vindo a trabalhar, no âmbito das actividades do Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arque-

¹ A. I. Marques da Costa, «Esboço dos Arredores de Setúbal Indicativo das Estações Prehistóricas e Romanas», in *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal. O Archeologo Português*, XII, Lisboa, 1907, pp. 206-217.

² C. Tavares da Silva e M. Gonçalves Cabrita, *Estações romanas da região de Setúbal. Revista Celóbriga*, 1 e 2, Setúbal, 1964.

ologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, mas outras jazidas mais ameaçadas, nomeadamente a da área urbana de Setúbal, iriam absorver a nossa atenção e determinar a realização de sondagens de emergência ou de extensas e prolongadas escavações.

A instalação de casas clandestinas no Creiro começou, entretanto, a pôr em risco a jazida arqueológica. Após a demolição das, pudemos verificar que o estabelecimento romano do Creiro a) ocupa toda a plataforma utilizada como parque de estacionamento de automóveis, sobranceira à praia; b) possui grande interesse científico quer pelo contexto ecológico em que se insere, quer pela actividade a que se dedicava (produção de salga); c) apresenta ainda estruturas susceptíveis de serem tratadas e recuperadas culturalmente, ficando a assinalar, em plena Serra da Arrábida, a presença da colonização romana.

A progressiva destruição do arqueossítio, em grande parte motivada por factores antrópicos como os que se relacionam com a sua utilização como área de estacionamento de automóveis, por um lado, e a urgente necessidade de se proceder ao reordenamento da orla marítima do Portinho da Arrábida, por outro, determinaram a intervenção arqueológica de emergência a que se refere o presente artigo, a qual foi promovida pelo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (Parque Natural da Arrábida) e organizada pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal; contou com o apoio logístico da Junta de Freguesia de S. Lourenço.

2. LOCALIZAÇÃO

A jazida arqueológica situa-se sobre pequena rechã formada por terrenos argilosos do Paleogénico indiferenciado¹ existente no sopé da encosta sul da Serra da Arrábida (anticlinal do Formosinho). Essa rechã, com a cota de 20-30 metros, cai, a sul, directamente sobre a zona este da praia do Portinho, vencendo um desnível de aproximadamente 15 metros, e é limitada a este e a oeste por vales por onde correm linhas de água.

Na base da encosta que dá para o vale que a limita a oeste, existe importante nascente de água doce.

As argilas do paleogénico indiferenciado confinam a este e a norte com formações do Miocénico (calcários conquíferos da Chã da Anicha) e a oeste com calcários do Jurássico.

Administrativamente, o Creiro pertence à freguesia de S. Lourenço, concelho e

¹ Carta Geológica de Portugal, esc. 1:50000, folha 38 B (Setúbal).

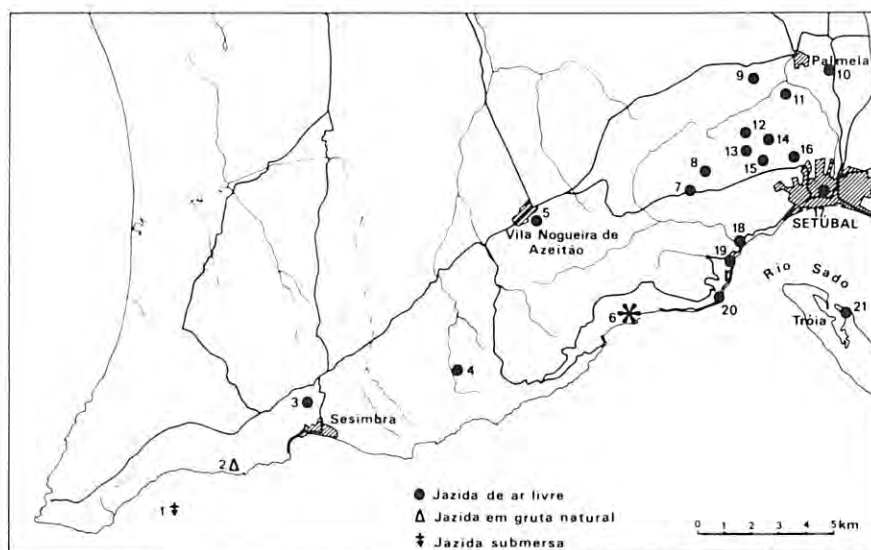


Fig. 1 — Localização do Creiro (n.º 6) e de outras estações da época romana na região da Arrábida: 1-Mar de Ancão; 2-Lapa do Fumo; 3-Castelo de Sesimbra; 4-Vale da Palha (Calhariz); 5-Vila Nogueira de Azeitão; 6-Creiro; 7-Rego de Água, Cruz da Légua e Esteval; 8-S. Luís Velho; 9-Chibanes e Queimada; 10-Aires; 11-Boa Vista; 12-Cabeço Gordo; 13-Pedraão; 14-Alferraz e Vinha Grande; 15-Casalinho; 16-Machadas de Baixo; 17-Área Urbana de Setúbal; 18-Comenda; 19-Rasca; 20-Outão; 21-Tróia (Seg. C. Tavares da Silva e J. Soares, *Arqueologia da Arrábida*, Lisboa, 1986).

distrito de Setúbal. Integra-se no Parque Natural da Arrábida.

A zona central da jazida é definida pelas seguintes coordenadas hectométricas GAUSS: R 264 686¹.

3. ESCAVAÇÃO

Os trabalhos de escavação tiveram início no dia 27 de Julho de 1987 e prolongaram-se ininterruptamente até 11 de Setembro, com intervenções pontuais subsequentes levadas a efeito até ao fim do ano. Foram dirigidos pelo signatário, coadjuvado por Antónia Coelho Soares e Júlio Costa. Contaram com a participação de dois desenhadores (Francisco Romão Cebola e Jorge de Jesus Costa) e nove trabalhadores não especializados.

¹ Carta Militar de Portugal, esc. 1:25000, folha 465 (Outão, Setúbal), Serviço Cartográfico do Exército, 1963.



Fig. 2 — Creiro, 1987. Localização da área escavada (indicada por uma seta).

A plataforma do Creiro foi quadriculada através de um sistema de eixos ortogonais, orientado segundo o Norte magnético. Os quadrados, com 5 metros de lado, são designados por uma letra maiúscula (de oeste para este) e um número árabe (de sul para norte); cada um deles foi, por sua vez, dividido em quadrados com 1 m de lado designados por letras minúsculas (de oeste para este e de sul para norte), quadrícula esta a que se recorreu sempre que se tornou necessário proceder à localização mais rigorosa das estruturas e objectos exumados.

A escavação processou-se inicialmente em extensão com a remoção da camada superficial (sedimento argiloso muito compacto, castanho escuro, arqueologicamente estéril, com a espessura de *ca.* 0,25-0,30 m., correspondente ao pavimento do parque de estacionamento e a uma eira da primeira metade do século XX) numa área de aproximadamente 174 m²: quadrados E13(1-z), G13(u), F13(p-z), E14, E15, F14, F15, G14 e G15.

A remoção da camada superficial (c.S) pôs a descoberto um conjunto coerente de estruturas, pelo que a escavação em profundidade se efectuou em zonas restritas³ mas susceptíveis de fornecerem elementos de carácter cronológico e funcional.

4. ESTRUTURAS

As estruturas postas a descoberto, integram, fundamentalmente, uma unidade fabril de salga da época romana.

A fábrica de salga apresenta planta rectangular, com 13 m de comprimento (segundo a direcção ENE-WSW) e 4,6-4,8 m de largura (direcção NNW-SSE). Foi completamente murada e possui onze tanques e um pátio que abre para o exterior, a sul.

O muro que limita a fábrica tem 0,6 m a 0,7 m de espessura no lado norte; 0,5 m a 0,6 m, no lado este; 0,6 m no lado sul e 0,7 m a 0,8 m no lado oeste. Foi construído com blocos não aparelhados e de dimensões muito diversas, em geral subangulosos, de calcário comum, calcário conquífero e brecha da Arrábida (rara), ligados por argila. Apresenta uma abertura de 1,4 m no lado sul, servida por soleira formada por dois grande blocos de calcário conquífero com pequeno degrau (desnível de *ca.* 0,07 m) frustemente talhado.

Os tanques distribuem-se por dois grande grupos morfo-funcionais.

O grupo numericamente mais importante é o das salgadeiras propriamente

³ Escavaram-se, em profundidade, os tanques II (metade este), VI (metade este), VII (metade este), IX (2/3 sul) e X (metade sul); a área ocupada pelo pátio; a zona SW do interior e exterior da fábrica, atingindo no quadrado E13 (g-r) o fundo da canalização que passa sob a fábrica; e os cortes A e B.

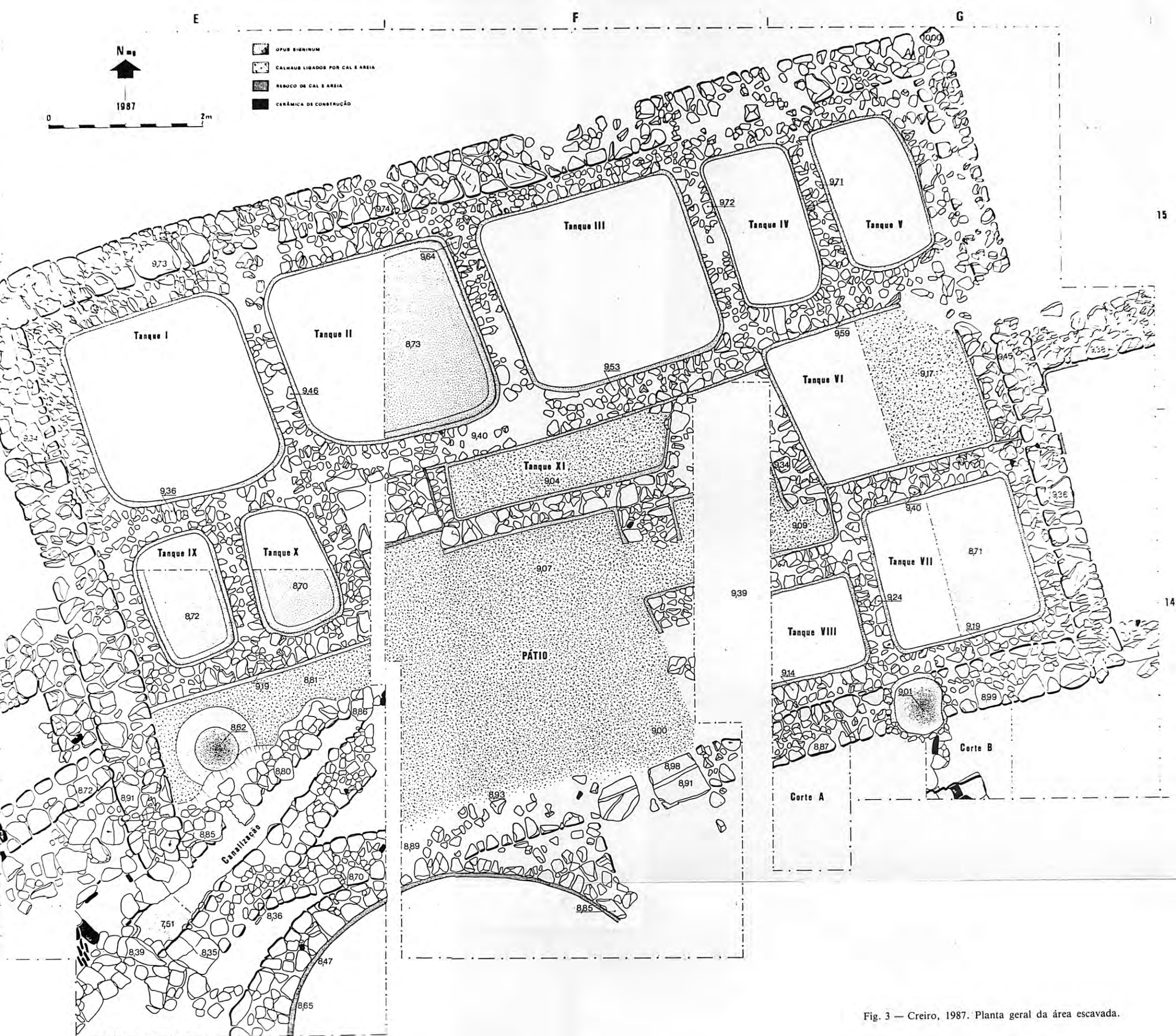


Fig. 3 — Creiro, 1987. Planta geral da área escavada.

ditas (tanques I, II, III, IV, V, VII, VIII, IX e X): quatro são de planta quadrangular (tanques I, II, III e VII), a menor (tanque VII) com 1,9-2 m de lado e a maior (tanque III) com 2,4-2,6 m de lado; cinco são subrectangulares (tanques IV, V, VIII, IX e X), as menores (tanques IX e X) com 1,6 m de comprimento e 1 m de largura, e as maiores (tanques IV e V) com 2-2,1 m de comprimento e 1,1-1,2 m de largura. A profundidade actual varia entre cerca de 0,5 m e 1 m em relação ao topo dos muros, todos eles destruídos na sua parte superior. O desnível entre o fundo do tanque X (subrectangular e um dos mais pequenos) e o pátio é de cerca de 0,2 m; o desnível entre o fundo do tanque II (quadrangular e um dos maiores) e o pátio é de cerca de 0,3 m. As salgadeiras são constituídas por muretes com 0,3 m a 0,45 m de espessura, formados por blocos de calcário comum, calcário conquífero e brecha da Arrábida, em geral de dimensões médias, ligados por argamassa de cal e areia; adossam-se ao muro exterior da fábrica ou são comuns a duas ou mais salgadeiras quando estas confinam entre si; internamente, os cantos são acentuadamente arredondados, de tal modo que o tanque X oferece uma planta quase ovalada. O fundo e as paredes são revestidos por *opus signinum* desprovido de fragmentos de cerâmica; nos tanques II, IX e X, o *opus signinum* forma meia cana na ligação das paredes com o fundo.

Os tanques VI e XI integram um outro grupo e marcam a fase II de construção da fábrica. Construídos provavelmente quando esta já estava a funcionar, reutilizaram o pavimento do pátio como fundo; os novos muros então edificados foram assentar sobre o mesmo pavimento e adossaram-se ao revestimento de *opus signinum* dos muros pré-existentes. Estes novos muros apresentam, porém, revestimento de *opus signinum* muito semelhante ao das salgadeiras, isto é, constituído somente por gravilha argamassada com cal e areia. Menos profundos que as salgadeiras e possuindo um fundo certamente menos impermeável que o daquelas (o pavimento do pátio mostra elementos líticos muito mais grosseiros do que os do *opus signinum* que reveste o fundo e as paredes das salgadeiras), teriam talvez funções diferentes: poderiam ter-se comportado como reservatórios de sal ou de peixe. O tanque VI tem planta subquadrangular (2 m×2,2-2,4 m) e o tanque XI, planta trapezoidal (3 m de comprimento máximo e 0,8 m de largura máxima).

O pátio apresentava inicialmente planta em Σ mas, logo que na fase II de construção o seu braço E. foi ocupado pelo tanque VI, ficou reduzido a uma planta em L. O pavimento é formado por calhaus subrolados que chegam a atingir 0,05 m de eixo maior, de calcário ou, mais raramente, de brecha da Arrábida, argamassados com cal e areia. No braço oeste existe uma depressão em calote de esfera, com 0,5 m de diâmetro, revestida de *opus signinum* rico em fragmentos de cerâmica e que, talvez em uma fase tardia de (re)utilização da fábrica (2.ª fase de ocupação?), teria funcionado como estrutura de limpeza do pátio.

O braço oeste do pátio foi grandemente destruído em época provavelmente

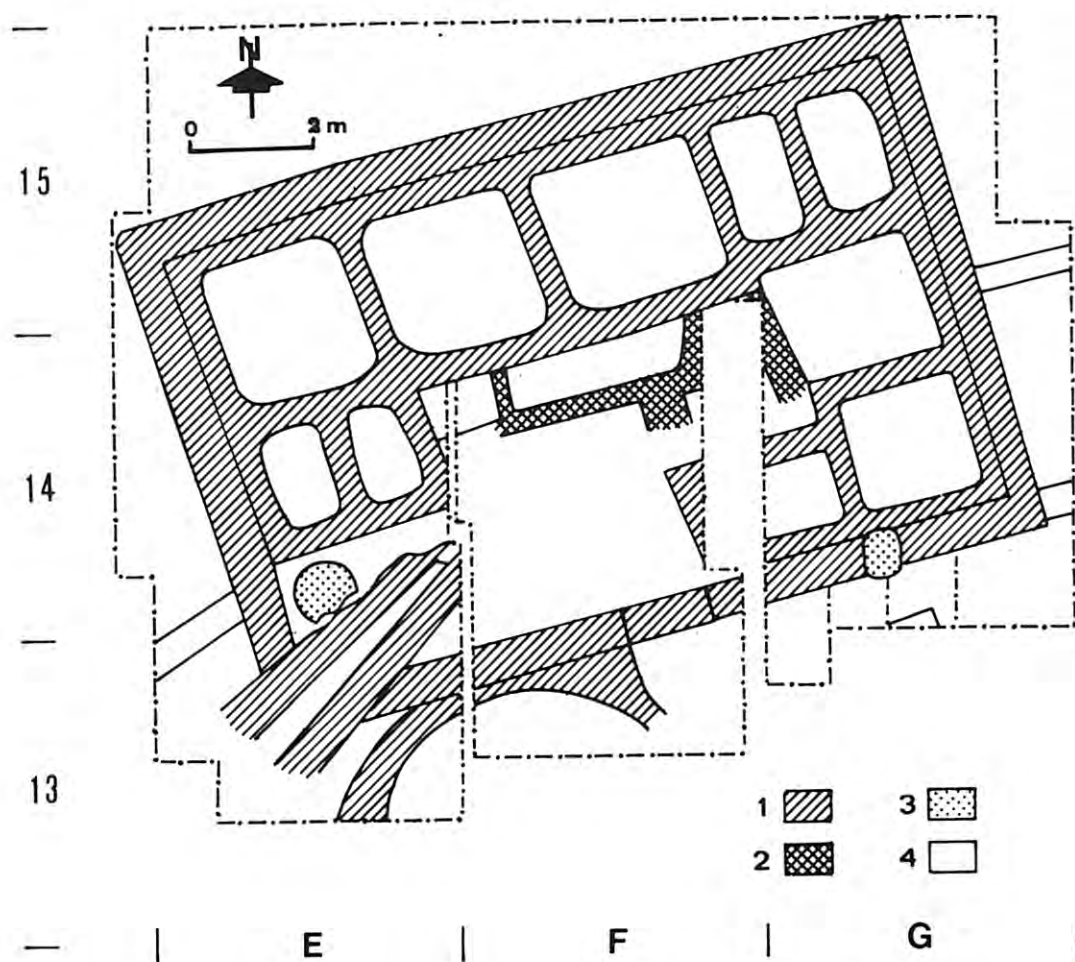


Fig. 4 — Creiro, 1987. Planta esquemática da área escavada com a indicação das fases de construção: 1-fase I; 2-fase II; 3-fase III; 4-fase indeterminada.

anterior ao período muçulmano. Um profundo rombo (que veio a ser ocupado por licheira durante o séc. XII) pôs a descoberto um troço de canalização, de direcção NE-SW, que passa por debaixo da fábrica de salga. Tem de largura máxima 0,5 m e de profundidade, 0,6 m. No exterior da fábrica, na zona do seu canto SW (quadrado E13(q-r)) o fundo e a parte inferior das paredes (até à altura de 0,35 m) da canalização são revestidos por fino *opus signinum* sem fragmentos de cerâmica e com meia cana na ligação do fundo com as paredes.

Sobre o topo já destruído do muro que limita a fábrica de salga (lado sul, troço este, quadrado G14(g)) observa-se uma estrutura de *opus signinum*, muito rico em pequenos fragmentos de cerâmica, em *cuvette* (diâmetro actual *ca.* 0,8 m) que representa, quanto a nós, a fase III de construção verificada na zona da fábrica. Com efeito, essa estrutura não só assentou sobre o topo já muito destruído do referido muro, como foi também cobrir derrubes do mesmo (*cf.* perfil oeste do *corte B*).

No exterior da fábrica, a escavação deu a conhecer algumas construções cuja definição cronológica e funcional requer o alargamento da área escavada. Destacamos: muro em arco de círculo (espessura 0,5-0,7 m) de blocos não aparelhados, revestido internamente por argamassa de cal e areia, que se adossa ao (ou faz corpo com o) troço oeste do muro que limita a fábrica a sul (teria sido edificado ou aquando da construção da fábrica ou quando esta se encontrava em funcionamento, pois respeita a sua zona de entrada); dois muros perpendiculares ao que limita a fábrica a oeste (quadrado E14); um muro perpendicular ao que limita a fábrica a este (quadrado G15).

5. CRONOLOGIA E PERIODIZAÇÃO

No actual estado das investigações sobre o Creiro é admissível pensar que a fábrica de salga ora apresentada tenha sido construída em meados/terceiro quartel do séc. I dC., funcionando até cerca dos finais do mesmo século, período que corresponde à primeira fase de ocupação, durante a qual têm lugar as fases de construção I e II.

O local encontra-se ocupado durante o séc. IV, época em que o tanque II é reutilizado como vazadouro. Pertence talvez a esta segunda fase de ocupação a construção, em *opus signinum*, da estrutura em *cuvette* que, no quadrado G14(g), foi assentar sobre os derrubes do muro sul da fábrica e que representa a fase III de construção.

Surgiram vestígios do período muçulmano, integrando ampla bolsa de detritos que foram preencher a cavidade resultante da destruição das estruturas do canto SW da fábrica. Pertencentes ao séc. XII (período almoada), correspondem à ter-

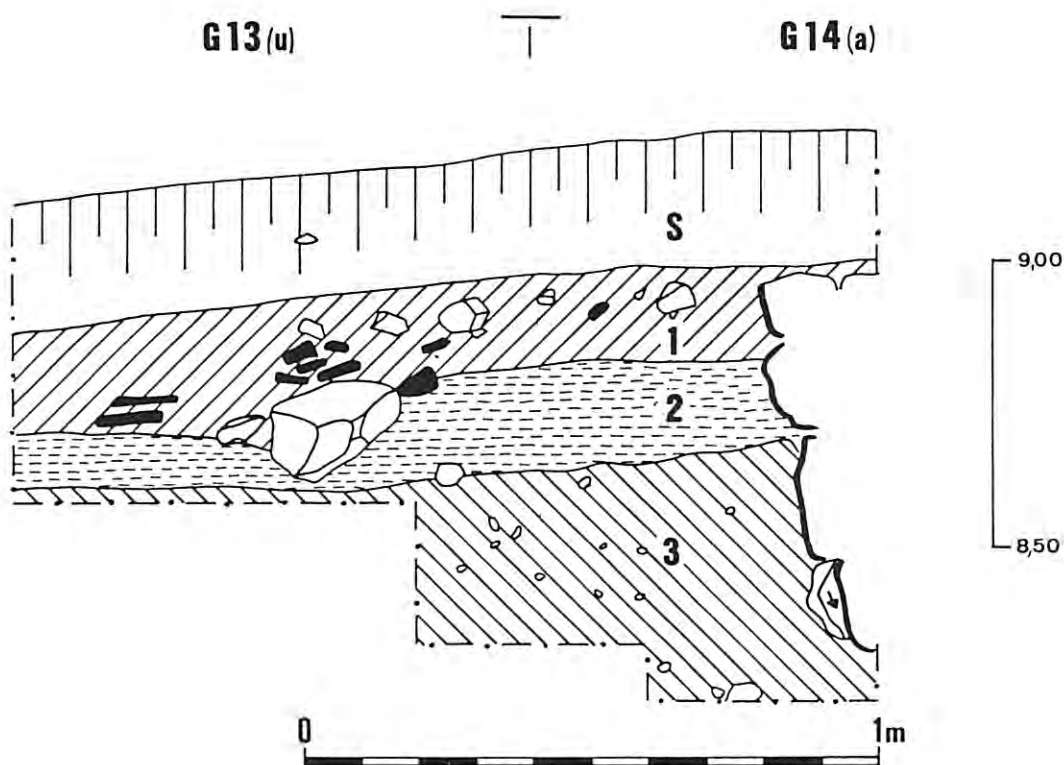


Fig. 5 — Creiro, 1987. Perfil W. do corte A.

ceira fase de ocupação.

Estas ilacções baseiam-se em diversas observações sobretudo de carácter estratigráfico:

a) A escavação em profundidade da zona do canto SW da fábrica de salga (quadrado E13) mostrou uma sequência que documenta a 1.^a e a 3.^a fases de ocupação:

C.S — Sedimento argiloso muito compacto, castanho escuro, arqueologicamente estéril (piso de eira, na primeira metade do nosso século, e de parque de estacionamento de automóveis, na actualidade); esp. *ca.* 0,25-0,30 m.

C.1 — Bolsa de detritos, rica em restos de fauna mamalógica e malacológica e cerâmica muçulmana (séc. XII). Preenche a cavidade resultante da destruição sofrida pelas estruturas do canto SW da fábrica. Esp. máx. *ca.* 0,60 m.

C.2 — (No exterior da fábrica) — Sedimento argiloso, castanho escuro, em-

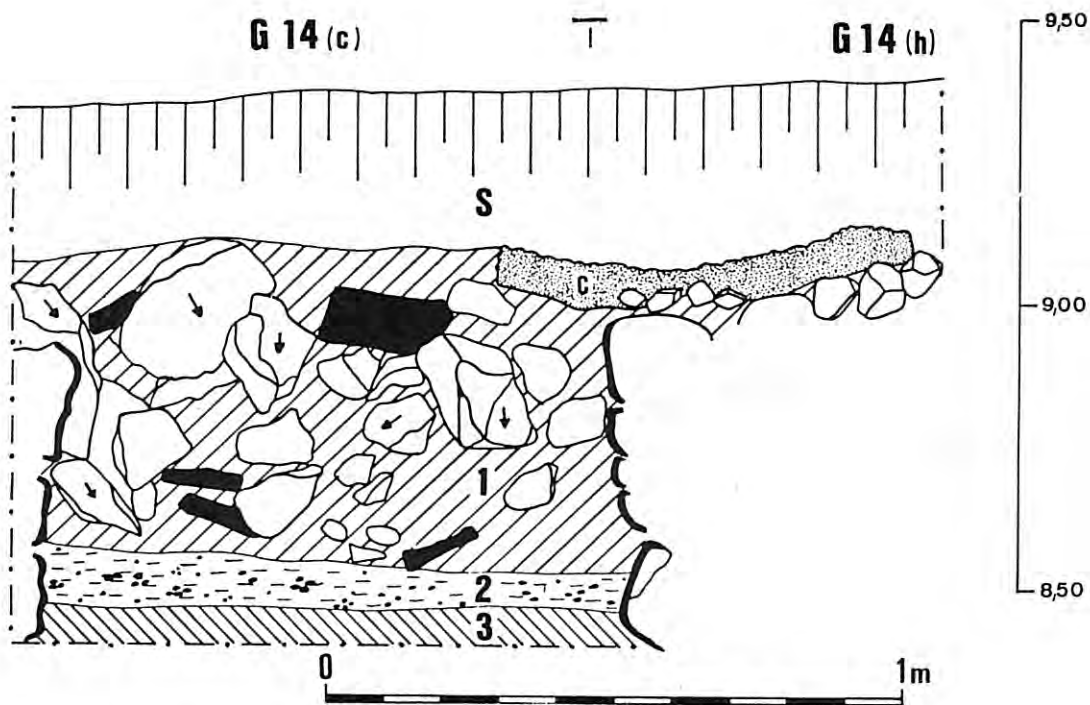


Fig. 6 — Creiro, 1987. Perfil W. do corte B. De notar a existência de uma estrutura em *cuvette* (c), de *opus signinum*, construída sobre o topo do que resta do muro sul da fábrica de salga e sobre a camada de derrubes (C.1) do mesmo muro. A estrutura c representa a fase III de construção.

balando numerosos e grandes blocos de calcário resultantes de derrubes. Esp. ca. 0,30 m.

C.3 — (No exterior da fábrica, ao longo da face externa do muro que a limita a sul) — Sedimento argiloso castanho-avermelhado, com numerosas telhas curvas; fragmentos de cerâmica comum, de ânforas da forma Beltran IV, de *terra sigillata* sudgálica (marca atribuível a Primus, oleiro cuja actividade principal se desenvolveu no período Cláudio-Vespasiano) e de paredes finas. Não se atingiu a base da camada. Esp. observada ca. 0,15 m. Trata-se do nível correspondente aos primeiros derrubes da fábrica.

b) No *Corte A*, aberto perpendicularmente ao muro sul da fábrica (quadrados G13(u)/14(a), notou-se a mesma camada de derrubes, cobrindo um nível de concheiro que parece corresponder à fase de funcionamento da fábrica:

C.S — (Igual à C.S da sequência anterior).

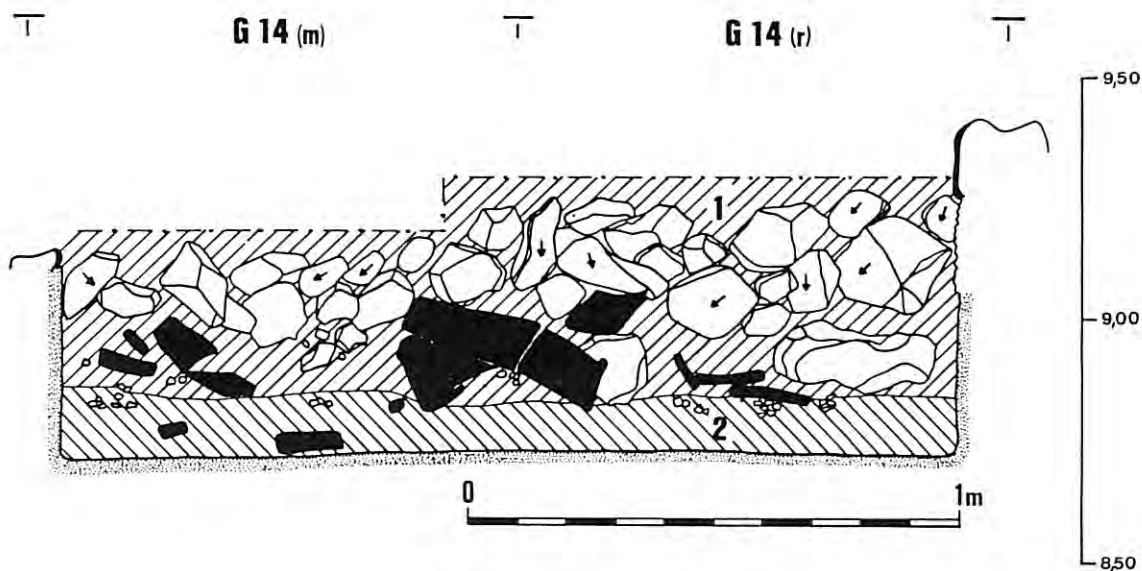


Fig. 7 — Creiro, 1987. Perfil W. da área escavada no tanque VII. A C.1, de derrubes, cobre uma camada de abandono (C.2) com materiais da segunda metade do séc. I.

C.1 — Nível de derrube: blocos de calcário, na parte superior, e telhas curvas (abundantes) e *tegulae* (raras), na base. Esp. 0,15-0,20 m.

C.2 — Sedimento argiloso castanho-amarelado com numerosas conchas de ostras. Escassa cerâmica (ânfora Beltran IV). Esp. máx. 0,20 m. Encosta à face externa do muro sul da fábrica.

C.3 — Argila castanho-amarelada. Arqueologicamente estéril. Escavada numa espessura de 0,45 m sem se ter atingido o limite inferior. O alicerce do muro sul da fábrica penetra nesta camada.

c) No corte B, também perpendicular à face externa do muro sul da fábrica (quadrado G14(c)), foram documentadas as 1.^a e 2.^a fases de ocupação:

C.S — (Igual à C.S das sequências anteriores).

C.1 — Sedimento argiloso, castanho, com abundantes e grandes blocos de calcário e telhas curvas (raras *tegulae*) as quais são numerosas na base, sob as pedras. Esp. ca. 0,45 m. Trata-se de um nível de derrubes sobre os quais foi assentar parte da estrutura em *cuvette*, de *opus signinum*, correspondente à fase III de construção e que representa, neste perfil, a 2.^a fase de ocupação. A C.1 encosta à face externa do muro sul da fábrica e ter-se-ia formado a partir da sua destruição no final da 1.^a fase de ocupação.

C.2 — Sedimento argiloso castanho escuro, com pequenos fragmentos de carvão dispersos, algumas conchas de ostra, fragmentos de cerâmica de uso co-

F 14 (u)

T

F 15 (a)

T

F 15 (f)

T

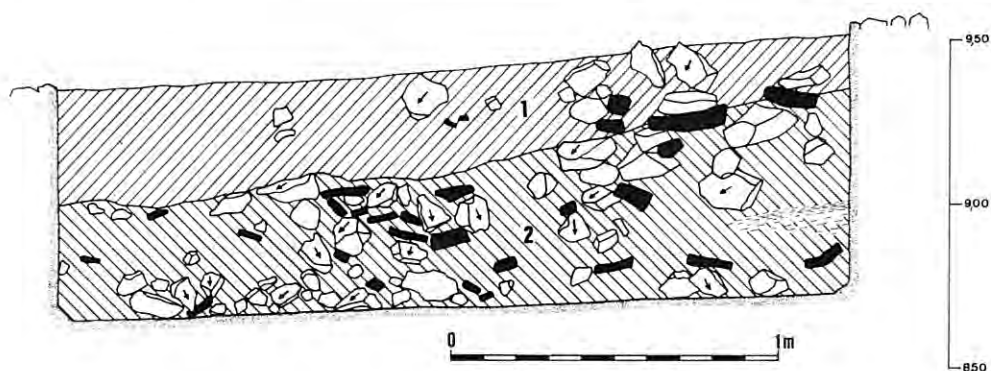


Fig. 8 — Creiro, 1987. Perfil W. da área escavada no tanque II, cujo enchimento é constituído por detritos datáveis da segunda metade do séc. IV ou mesmo inícios do séc. V (2.ª fase de ocupação).

mun. Esp. ca. 0,05-0,10 m. A C.2 encosta à face externa do muro sul da fábrica, tendo-se formado aquando do funcionamento desta.

C.3 — (Igual à C.3 do corte A).

d) Nos tanques VI (fase II de construção), VII (salgadeira da fase I de construção) e IX (salgadeira da fase I de construção) detectaram-se níveis correspondentes ao abandono (finais do séc. I) e derrube da fábrica. Com efeito, sob uma camada cuja espessura varia entre 0,20 m (C.1 dos tanques VI e IX) e 0,40 m (C.1 do tanque VII) e é formada, na parte superior, por numerosos blocos de calcário e, na base, por abundantes fragmentos de telhas curvas, ocorre um nível menos espesso (0,15 m na C.2 do tanque VII), argiloso e em geral castanho-avermelhado, que assenta directamente sobre o fundo, com escasso material arqueológico (cerâmica comum, ânforas exclusivamente da forma Beltran IV, *terra sigillata* sudgálica — forma Drag. 18/31 — e hispânica — formas Drag. 15/17 e 27) e alguns restos de fauna mamalógica e malacológica. O espólio aí exumado corresponde à segunda metade do séc. I, podendo atingir os finais do mesmo século. De notar a ausência de *sigillata* clara A, tão comum, em níveis do séc. II, no sul do País e na área urbana de Setúbal.

e) O enchimento do tanque II, não formado por derrubes mas sim por depósitos de detritos, é datável da segunda metade do séc. IV ou mesmo dos inícios do séc. V e representa a 2.ª fase de ocupação:

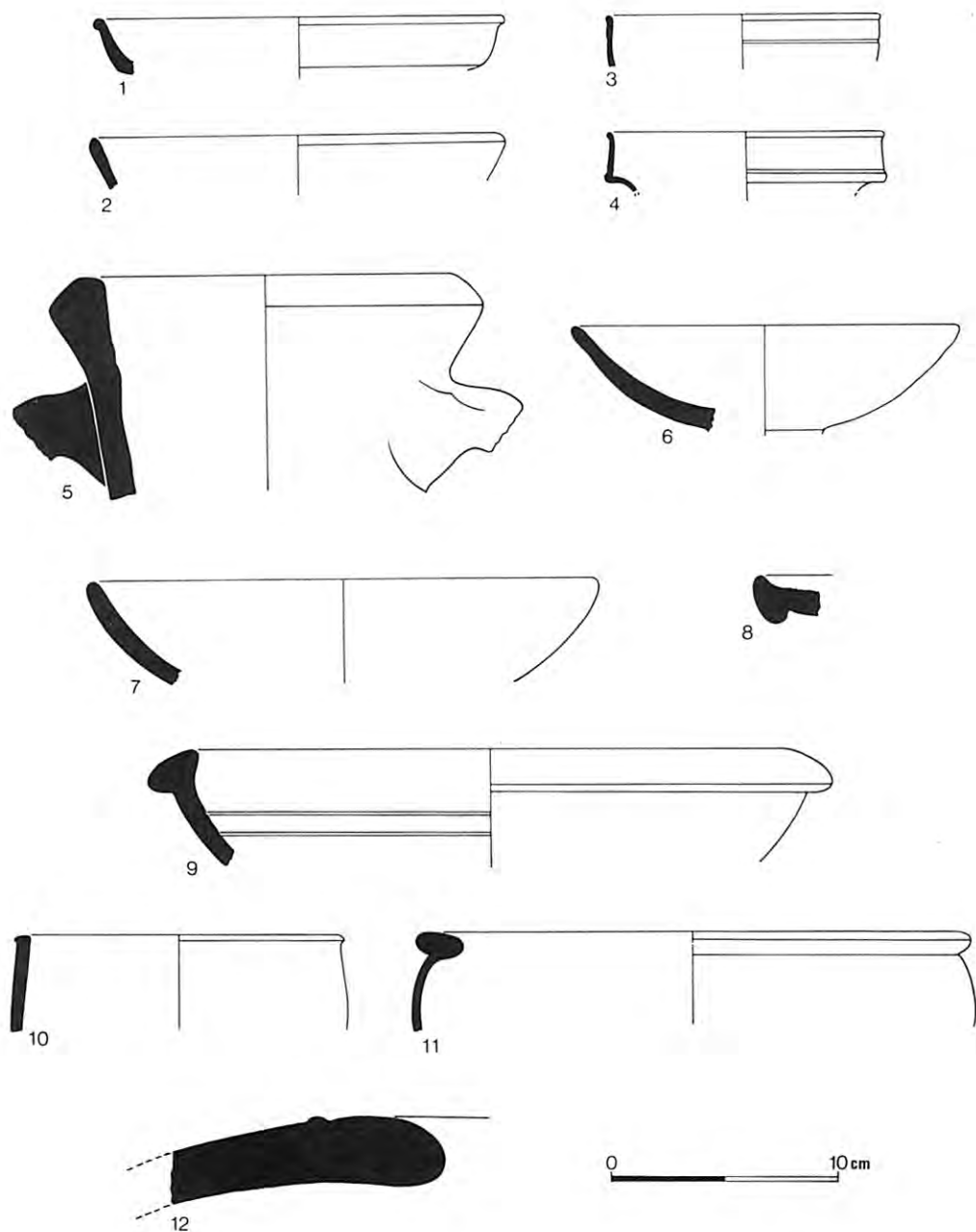


Fig. 9 — Creiro, 1987. Materiais cerâmicos da 1.^a fase de ocupação: *terra sigillata* sudgálica (n.º 1) e hispânica (n.º 2), paredes finas (n.ºs 3 e 4), ânfora da forma Beltran IV (n.º 5) e cerâmica comum (n.ºs 6-12).

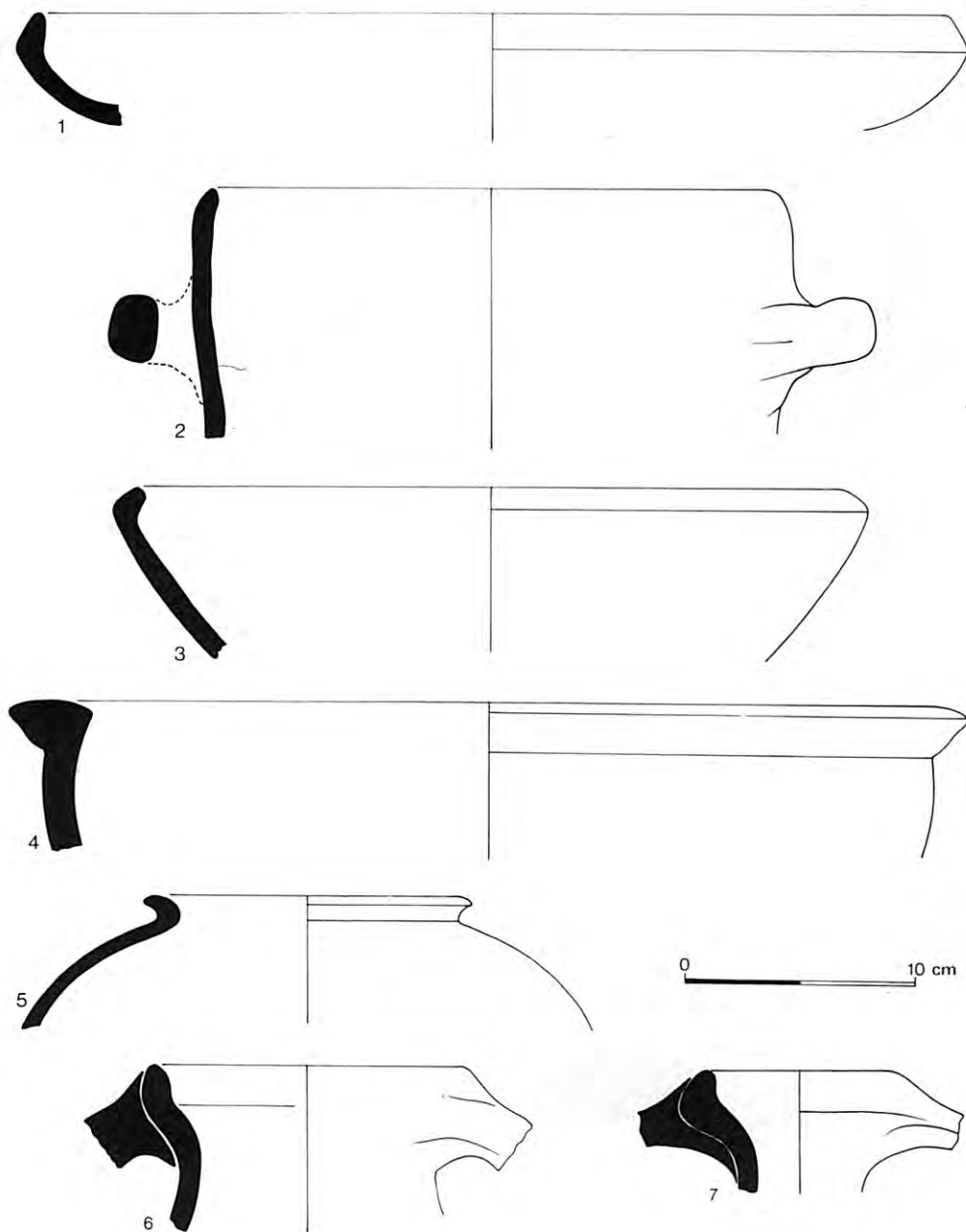


Fig. 10 — Creiro, 1987. Materiais cerâmicos da 2.^a fase de ocupação: *sigillata* clara D (n.º 1), cerâmica comum (n.ºs 2-5) e ânforas das formas *af*. Almagro 50 (n.º 6) e Almagro 51C (n.º 7).

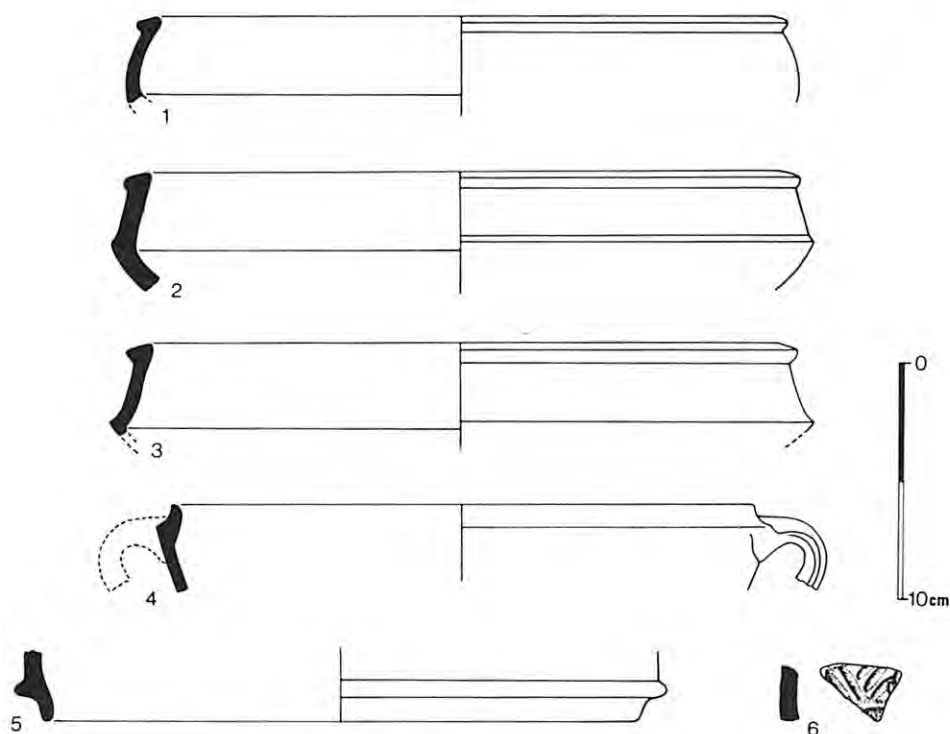


Fig. 11 — Creiro, 1987. Materiais cerâmicos da 3.^a fase de ocupação (período muçulmano). As peças representadas encontram-se cobertas, interior e exteriormente, por vidrado melado (n.ºs 1, 3 e 5) e verde (n.ºs 2, 4 e 6).

C.1 — Sedimento argiloso, castanho muito escuro, com rara cerâmica de construção e abundantes fragmentos de cerâmica comum; conchas de moluscos marinhos (*Patella* e *Mytilus*); escassas pedras; concentrações de carvão. Esp. ca. 0,30 m.

C.2 — Sedimento argiloso acastanhado; algumas pedras, tijolos e fragmentos de telhas dispersos; abundantes fragmentos de cerâmica comum, ânforas (formas Almagro 51 A-B e 51 C e Almagro 50/Beltran 56) e *sigillata* clara D (forma Hayes 61 A); conchas de moluscos marinhos (*Patella*, *Mytilus*, *Ostrea*, *Venus verrucosa*) que em alguns pontos formam finas lenticulas; ossos de mamíferos; concentrações de carvão. Assenta sobre o funda da salgadeira, o qual se mostra um pouco danificado, aspecto que pode indicar exposição, durante um certo período, à acção dos agentes meteorológicos.

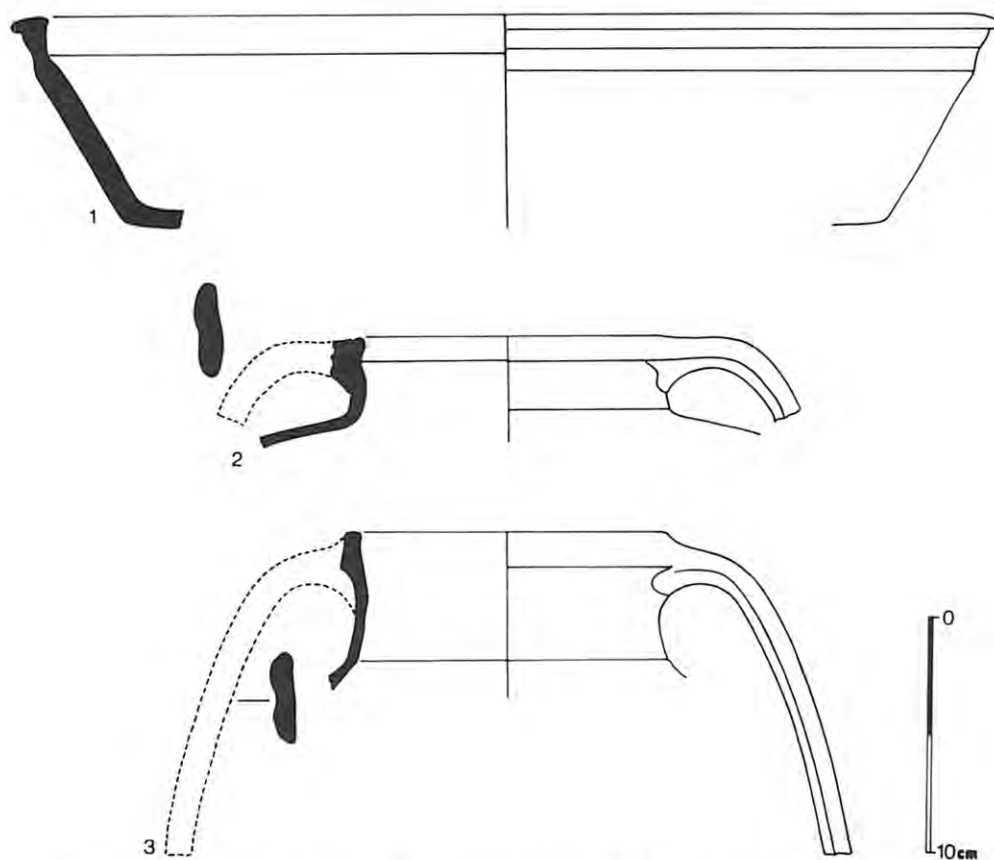


Fig. 12 — Creiro, 1987. Materiais cerâmicos da 3.^a fase de ocupação (período muçulmano).

6. CONCLUSÕES

A campanha de escavações arqueológicas efectuada no Creiro em 1987 permitiu pôr a descoberto uma fábrica de salga construída muito provavelmente no terceiro quartel do séc. I d.C. e que teria funcionado até aos finais do mesmo século. De notar que é no último quartel do séc. I que se assiste à construção das fábricas de salga da Praça do Bocage e da travessa de Frei Gaspar⁶, as únicas até

⁶ C. Tavares da Silva e A. Coelho-Soares, A Praça do Bocage na época romana: escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*, VI-VII, Setúbal, 1980-81, pp. 249-294.

C. Tavares da Silva, A. Coelho-Soares e J. Soares, Fábrica de salga da época romana da Travessa de Frei Gaspar (Setúbal). *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985)*, Lisboa, 1986, pp. 155-160.

C. Tavares da Silva e J. Soares, «Arqueologia da Arrábida», Lisboa, 1986.

agora escavadas na cidade de Setúbal. Ou seja, a primeira fase do Creiro termina, sensivelmente, no momento em que surgem aquelas duas fábricas.

Considerando as óptimas condições de porto natural do Creiro, a dimensão da área ocupada na época romana, a sua localização um tanto isolada na costa da Arrábida e o facto do primeiro abandono da fábrica de salga ter coincidido com o possível início do florescimento industrial da Setúbal Romana, admitimos, a título de hipótese de trabalho, que a nossa jazida, durante a sua primeira fase de ocupação, imediatamente antes do desenvolvimento industrial ocorrido na baía de Setúbal, tenha possuído um carácter acentuadamente auto-suficiente e desempenhado uma função sobretudo dirigida para o apoio à navegação costeira, fazendo lembrar o porto que, na mesma época, floresceu na ilha do Pessegueiro. A sua decadência — o final da primeira fase de ocupação — poderia, dentro da mesma ordem de idéias, ter sido provocada pelo desenvolvimento industrial, e certamente portuário que entretanto começara a manifestar-se nas margens do que é hoje o estuário do Sado.

Durante essa primeira fase de ocupação (segunda metade do séc. I), a fábrica do Creiro teria sido objecto de obras de remodelação: construção dos tanques VI e XI (morfológica e talvez também funcionalmente distintos das salgadeiras) sobre parte do pátio pré-existente.

Sobre a fábrica abandonada e grandemente destruída, nova actividade humana volta a processar-se (séc. IV/inícios do séc. V): é a nossa 2.^a fase de ocupação, durante a qual o tanque II é transformado em vazadouro, e a que corresponde a fase III de construção («tina» em *cuvette*, de *opus signinum* rico em fragmentos de cerâmica, existente sobre os derrubes do muro sul da fábrica).

Digna de especial realce é a 3.^a fase de ocupação, datada do séc. XII. Por estranho que pareça, é a primeira vez que na região de Setúbal são identificados vestígios arqueológicos indiscutivelmente pertencentes ao período muçulmano.

Carlos TAVARES DA SILVA
Antónia COELHO-SOARES
Centro de Estudos Arqueológicos do
Museu de Arqueologia e Etnografia
do Distrito de Setúbal
Av. Luísa Todi, 162
2900 SETÚBAL